

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Povo

Class.: 727

Data: 06.07.83

Pg.: \_\_\_\_\_

CRÔNICA DE BRASÍLIA

### Juruna provoca divisão entre povos silvícolas

Rivadavia de Souza

Tão logo o cacique Juruna começou a circular no eixo Brasília-Rio, de gravador em punho, apresentando reivindicações e exigindo cumprimento de promessas por ele gravadas, sua presença passou a ser objeto de galhofas, menos políticas do que folclóricas.

A réplica humorística da nova personagem que assim buscava ocupar determinado espaço no cenário nacional transferiu-se para a televisão, onde o comediante Agildo Ribeiro criou um tipo paralelo e ainda hoje o gordo Jô Soares explora o filão e tira bons partidos do insólito modelo indígena.

Desde o início, porém, o sertanista Orlando Villas-Boas, que durante quarenta anos conviveu e viveu com as comunidades indígenas, chamava a atenção para o caráter demagógico de Juruna, a quem negava a condição de liderança junto às diversas tribos da coletividade silvícola.

Acertou na mosca: o xavantino desgarrado urbanizou-se, renasceu para as atividades partidárias, surgiu como tautológico orador de comícios e fincou por eleger-se deputado federal.

Até aí tudo normal, isto é, não se pode nem se deve negar o direito das minorias — étnicas ou religiosas — de obter representação, voz e voto no parlamento de seu País.

Agora, com a invasão da sede do órgão incumbido da defesa dos interesses dos ocupantes da selva e a derrubada do seu presidente, os fatos demonstram que Orlando Villas-Boas tinha razão: simples integrantes ou destacados caciques de diferentes nações indígenas contestam a ação do congressista aculturado, acusando-o, uns e outros, de tumultuar os problemas em foco e forçar soluções prejudiciais a todos eles.

Os índios queriam o afastamento de três co-

ronéis do segundo escalão da Funai mas nada alegavam contra o presidente da Fundação, com quem mantinham excelentes relações e de cuja orientação global não discordavam.

Basta ler esta afirmação de Raoni, cacique Txucaramae, que entrou na sala da presidência do órgão, interrompeu a entrevista de despedida do coronel Paulo Leal e protestou:

— O único presidente bom para os índios está saindo agora. Por isso estou triste. Juruna não tem jeito, não pensa bem. Estou triste com Juruna, não estou brabo. Quando fico brabo não tenho medo de nada. Mas se o próximo presidente da Funai não for bom para os índios, vamos entrar em guerra. Vamos bater com borduna até ele sair. Porque sai o bom e ficam os ruins.

Já no próprio dia da invasão, um silvícola que trabalha na Funai exproibou o procedimento do deputado seu irmão e não teve dúvida em desmascará-lo:

— Tenho meu nome indígena, que não mudel. Quando deixar a Funai, volto para minha tribo. Não sou como você, que se chama Mário.

Juruna ficou furioso e respondeu que, sozinho, trabalhava mais do que todos os índios juntos, em outro lance de demagogia do asfalto.

Também Pucatira, delegado da nação Caiapó, do Pará, não gostou da decisão demissionária do coronel Leal e desabafou:

— Juruna quer tirar todo mundo da Funai.

Idêntica atitude tiveram representantes das tribos Terena, Carajá e Bacairi, que apesar de ouvirem atentamente os esclarecimentos do presidente da Funai não se convenceram das razões do coronel.

A divisão nos meios tribais é geral e pode provocar novas dores de cabeça.